



UFMG

MANUELZÃO

Saúde, Ambiente e Cidadania na Bacia do Rio das Velhas

79 MAR/17

(20 ANOS)

{ EDITORIAL }

Como passou rápido. De um sonho visionário do mestre Apolo Heringer Lisboa veio a concepção de um projeto que fosse revolucionário na ideologia, mas científico em sua ação. Assim surgiu o projeto que tomou como referência dos Gerais uma das suas maiores figuras: Manuel Nardi, mais conhecido como Manuelzão. A força de um nome e a concepção de um homem fizeram do projeto o que ele é hoje.

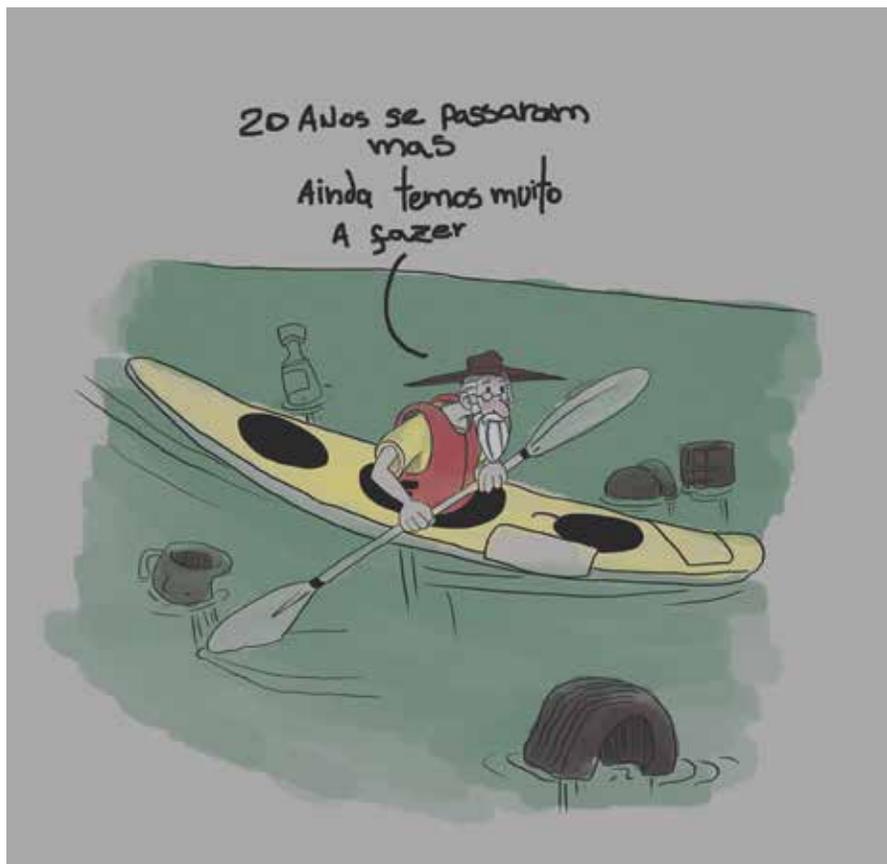
Partimos da ideia de que saúde tem que ser coletiva e não propriedade privada dos mais ricos. Temos que produzir ambientes saudáveis e não continuar alimentando uma indústria de doenças. Este conceito está mais atual do que nunca no país da Dengue, Zica, Chikungunya e mais recentemente até da Febre Amarela.

O modo como nos apropriamos do meio ambiente tem sido ganancioso, descuidado e sem compromisso com o futuro. As águas espelham a mentalidade civilizatória: de um lado consumimos os rios para nos alimentar e produzir bens, e de outro, os poluímos e degradamos desenfreadamente.

O Projeto profetizou que a morte dos peixes espelha a nossa própria e que as agressões geradas aos rios e a Terra produziram danos irreparáveis. Uma realidade incontestável e assustadora. Com o conhecimento da Universidade procuramos articular de forma transdisciplinar o saber, transformando-o em projeto de ação. Procuramos dialogar com a sociedade, construindo parcerias e amizades. Neste momento, como não mencionar nomes importantes para nossa história como: Dona Ivana, Seu Nonô, Mércia, Cecília, Nirma, Dalva, Majô, Odilon e tantos outros que fazem e fizeram parte de nossa caminhada.

Construímos metas a serem perseguidas e para isso edificamos pontes com o poder público e o setor privado. Transgredimos de forma conceitual contra a hegemonia da academia 'intramuros', do saber sem aplicação, da saúde para poucos, do lucro a qualquer preço, da visão política de privatização do patrimônio natural e coletivo.

Fomos incisivos na defesa do bem comum, da natureza, do que é direito de todos, da biodiversidade e da vida acima de tudo. Das batalhas travadas nem todas foram vitórias, mas ainda assim, tudo valeu a pena, pois as causas defendidas foram sempre maiores.



04 EDUCAÇÃO E AMBIENTE

COORDENAÇÃO GERAL
Marcus Vinicius Polignano
Thomaz Matta Machado

06 COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO

CONSELHO EDITORIAL
Marcus Vinicius Polignano
Lisia Cândida Durães Godinho
Eugênio Marcos Andrade Goulart
Procópio de Castro
Renato Crispiniano

08 ORIGEM E HISTÓRIA

JORNALISTA RESPONSÁVEL & REPORTAGENS
Renato Crispiniano • MTB 12541

18 PUBLICAÇÕES E NOVAS MÍDIAS

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO
Lila Gaudêncio

20 EXPEDIÇÕES E DESCOBERTAS

ESTAGIÁRIA
Ana Soares

22 REVITALIZAÇÃO E DESAFIOS

CHARGE
Luiz Prado

FOTO CAPA
Germano Neto

IMPRESSÃO
Fumarc
TIRAGEM
65.000 exemplares
ISSN 2178 9363

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor.

Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Alfredo Balena, 190, sl. 813.
Belo Horizonte, MG | CEP 30130-100
(31) 3409-9818 / www.manuelzao.ufmg.br



UFMG





MANUELZÃO VAI À ESCOLA

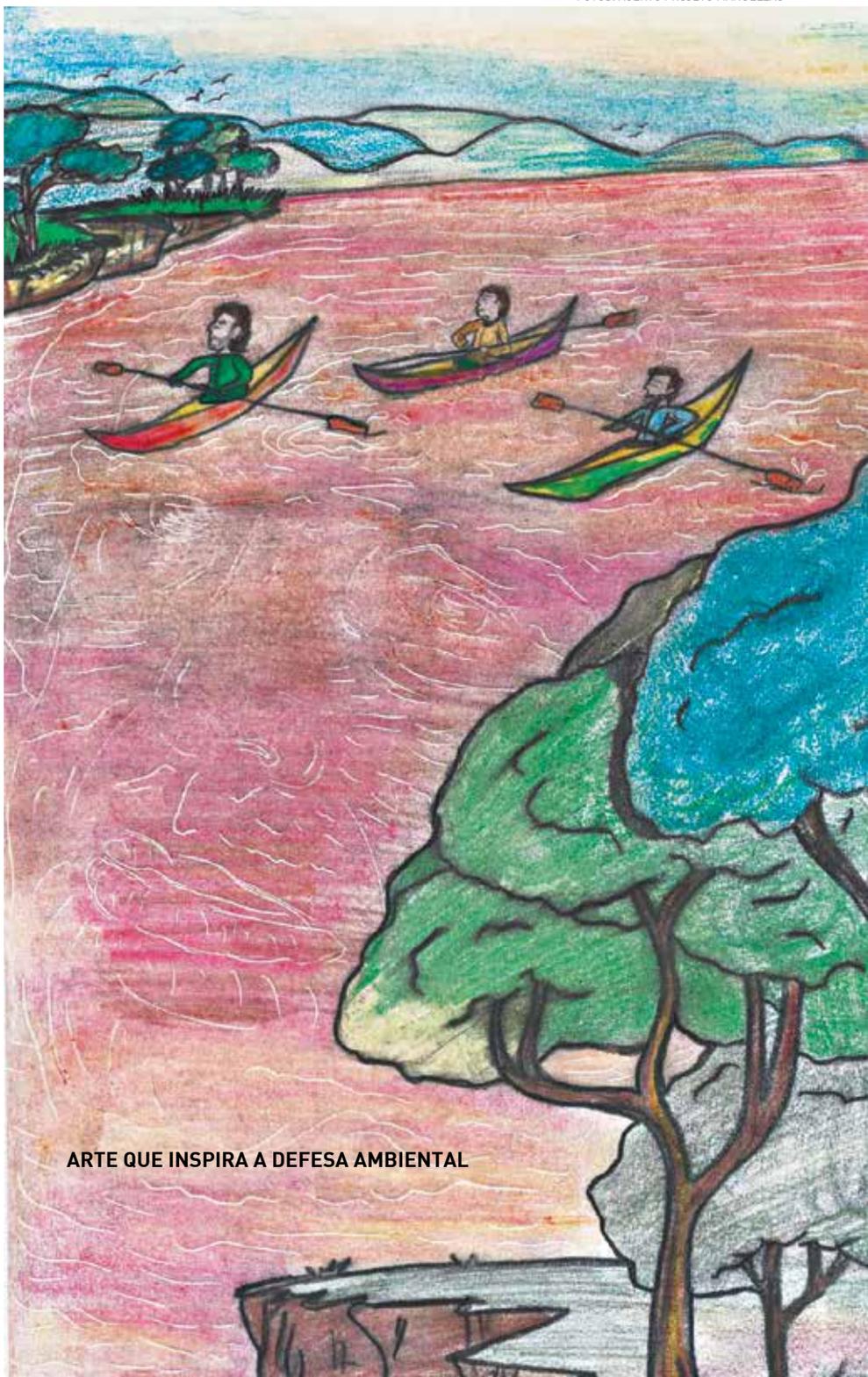
O Projeto Manuelzão, desde a sua origem embrionária, percebeu que a questão ambiental tinha como principal característica todo um processo histórico em consequência do nosso modelo civilizatório. Daí a necessidade de entender o meio ambiente como um sistema complexo e, conseqüentemente, abrir um diálogo produtivo entre as diversas áreas das ciências. Para tanto, deveríamos garantir a integração entre os diversos conhecimentos como uma equipe multidisciplinar. Conceber esse processo foi uma experiência rica e estimulante, coexistindo uma integração natural, dado ao interesse e motivação que as questões ambientais despertam de forma variada e que se conectam. Entendemos que o caminho a seguir para reintegrar a relação indivíduo-sociedade, algo verdadeiramente indissolúvel, estava no reaprender a ver, a conceber, a pensar e a agir.

O Manuelzão Vai à Escola, despertado assim para um mundo que se configurava inerte nesse novo paradigma, surge em 2002 com o objetivo de estimular e modificar o ambiente intramuros escolar, provocando novas ideias e o exercício da prática de novos hábitos e comportamentos. Tínhamos, no entanto, longos 803 km como território de ação: a Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, com 51 municípios e 1516 escolas públicas, estaduais e municipais. Considerando toda essa grandiosidade, concebemos uma estratégia metodológica fundamental: atuar nas escolas tendo como foco as 23 sub-bacias, por sua vez sub-divididas por centenas de micro bacias. Nesse universo, junto às escolas e comunidades, incorporamos a ideia de que não devemos restringir as nossas ações por uma visão de rua tal ou bairro tal, mas de uma visão sistêmica maior. Essa estratégia nos ajudou a colocar em prática a lógica do nosso trabalho: o Pertencimento e o Cuidar.

No início visitamos várias escolas, realizamos vários seminários, para partilhar a ideia da Educação Ambiental com diretores e professores, e identificamos na fala deles a necessidade de se construir uma ponte entre o cotidiano dos alunos e o que se estudava dentro

LÍCIA GODINHO
Educadora

FOTOS: ACERVO PROJETO MANUELZÃO



ARTE QUE INSPIRA A DEFESA AMBIENTAL

das salas de aula. Não só para aqueles alunos que moravam ao lado de um córrego poluído e convivendo com ausência de limpeza urbana, como também os que habitam, principalmente, a região centro sul e não veem os rios porque estão asfaltados. Criava-se um fosso entre a realidade e o que se estudava!

Dessa forma, a pesquisa e a mobilização social, em prol da qualidade dos recursos hídricos, nos renderam credibilidade e parcerias institucionais, principalmente na área da educação - foco principal das nossas metas. Outros parceiros, não menos importantes, foram sempre as comunidades dos Núcleos Manuelzão e ribeirinhos que têm no rio o seu sustento e a sua alegria. Todos eles com trabalhos voluntários e feitos de coração.

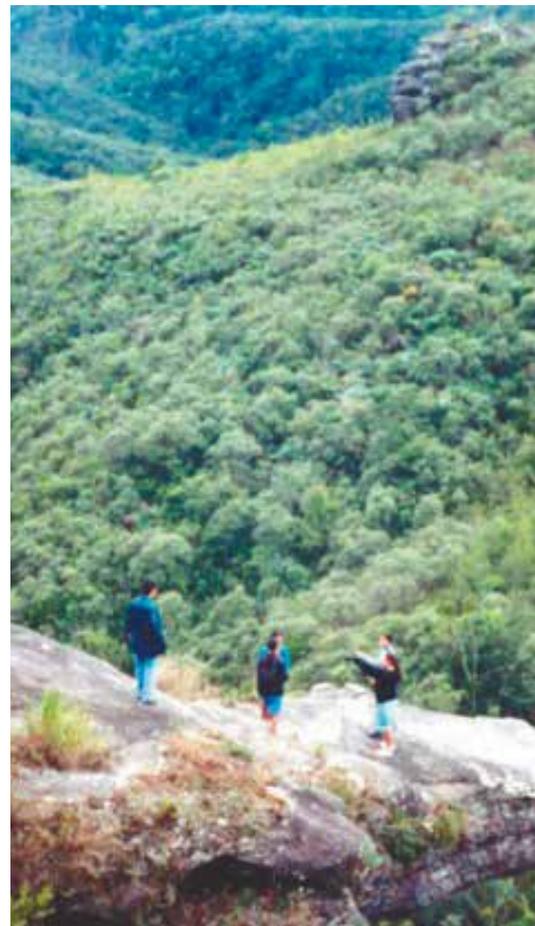
As ações e projetos concebidos e implementados nas comunidades escolares sempre fomentaram a transdisciplinaridade e o ensino-aprendizagem contextualizado e interativo. Por outro lado, os fundamentos para a construção da metodologia desses trabalhos tiveram como norte a integração aluno/ambiente natural e a comunidade corresponsável e proativa. Toda essa lógica nos permitiu elaborar e levar às comunidades escolares várias atividades educativas, dentre elas: cursos de Biomonitoramento da qualidade das águas; Gestão e elaboração de projetos; Oficina interativa de Bacia hidrográfica; Educação Ambiental com a Unidade Móvel; desenvolvimento e publicações de pesquisa e artigos, além de muito material pedagógico.

Destes, o que nos encheu de orgulho pelos resultados obtidos a partir de estudos e diagnósticos levantados em várias escolas dessa cidade foi o material "Escola Ecológica, um projeto conceitual" de 2012. É forte a percepção de que o espaço das escolas é um território que precisa se apropriar mais e melhor das novas concepções de sustentabilidade, cujos resultados interferem na construção dos processos de aprendizagem. Os cursos e as oficinas, para a formação de professores, seguem uma agenda predefinida junto às escolas durante todo o ano letivo. A Unidade Móvel, com a exposição de Educação Ambiental, tem atendido um público grande e variado, uma vez que se desloca para diversas regiões da bacia, como na Expedição em 2009, quando aproximadamente 4.000 pessoas, de diversas sub-bacias, foram beneficiadas com a exposição.

O reconhecimento pelos nossos trabalhos veio logo em 2005 e 2013, com o Prêmio Furnas Ouro Azul, 1º lugar na categoria comunidade, "Saúde, Ambiente e Cidadania". Em 2004 o Manuelzão Vai à Escola instituiu o evento "Premiando a Educação" com a finalidade de partilhar e dar visibilidade aos projetos desenvolvidos pelos professores das escolas atendidas. O último aconteceu em 2014, em Inhotim, quando compartilhamos e celebramos, em dois dias inteiros, uma diversidade de experiências e resultados de boas práticas e cidadania desenvolvidas pelos professores com seus alunos.

Hoje, após tantos trabalhos desenvolvidos, comungados com uma só esperança de um mundo mais leve, mais saudável, fica para mim a lembrança dos olhinhos brilhantes de cada criança que acreditou - e acredita - ser possível fazer, ele próprio, a diferença no seu cotidiano com atitudes singelas, mas carregadas de bons exemplos. Todos eles, posso afirmar, liderados pela maestria de muitos professores nota dez.

A cada uma dessas pessoas que nos acolheu, o Manuelzão Vai à Escola abraça e celebra as conquistas e as alegrias das pequenas descobertas e por se engajarem nessa roda viva do reaprender a ver, conceber, pensar e agir. ♦



UMA FORMA DE DIALOGAR

Dezembro de 1999, o Milênio na bica de virar, todo mundo falando em bug dos sistemas informáticos, lembrando profecias de fim de mundo e o Jornal Manuelzão nº10 trazia editorial em que os então coordenadores reclamavam de o Projeto estar “fora de lugar” na universidade: “continuam considerando o Manuelzão como um projeto de extensão, e da Medicina. Isto é uma meia verdade que dificulta nossa aproximação com outros pesquisadores e outras unidades da universidade. (...) A reitoria colocou nossa homepage na extensão e nossa sede está no prédio da Medicina”. Mas o próprio jornal nº 10 já estava noutra lugar. Ele marcou o início da participação institucional do departamento de comunicação da UFMG no Manuelzão. O início – duas edições do jornal produzidas por um professor e um grupo de alunos de jornalismo, como parte de atividade laboratorial do curso de graduação – durou o tempo de elaborar-se uma proposta à Pró-reitoria de Extensão, aprovada para começar no início de 2000: estava batizado o “Manuelzão dá o Recado” junto com as três primeiras bolsistas.

Assim, pelo menos para nós, naquele começo lugar não era um problema. De certa maneira queríamos que a comunicação aparecesse mesmo como “sem lugar”, e não fosse vista como mais uma prestadora de serviços para o projeto – “você irão fazer o jornal, irão fazer o site, irão fazer a comunicação do projeto”. Não, queríamos apostar alto: o projeto deve se conceber também como uma ação de comunicação. Além de ajudar a fazer o jornal, era preciso começar a pensar atividades que articulassem ações de ensino, pesquisa e extensão. Junto com a publicação, mais palavras passaram a ocupar o dia a dia do projeto: definição de públicos, comunicação dirigida, organização de materiais e informações, visibilidade e – decisivo – tudo deveria estar integrado em iniciativas que estimulasse a formação de comunicadores comprometidos com as necessidades fundamentais da sociedade brasileira.

O jornal Manuelzão, que existia desde 1997, passou a ser tratado não apenas como um mero instrumento de comuni-

ELTON ANTUNES
Professor

cação, e sim como um meio de promover relações nas quais não somente a informação, mas aspectos tais como imaginários e valores seriam essenciais. Não era simplesmente elaborar um produto, mas organizar um processo no qual reflexões, debates, estudos e elaboração de estratégias fossem inseparáveis da produção de notícias.

Desde esse momento o projeto passou a ser tratado como uma espécie de atividade laboratorial assentado em uma pedagogia do aprendizado no trabalho. A ideia era superar a dicotomia entre disciplina de graduação e atividade de extensão, envolvendo alunas e alunos bolsistas que atuassem como organizadores de outros estudantes voluntários, técnicos e professores da área. As ativi-

dades, complementares ao ensino, abor-dariam sempre a realidade e as necessidades de produção em comunicação para o projeto. O compartilhamento permanente de experiências, com incentivo à participação nas reuniões de trabalho e avaliação, cada um aprendendo com o relato e conhecimento de outras experiências, foi uma estratégia chave para o desenvolvimento da proposta.

O que veio a partir daí faz parte hoje da história do projeto. O jornal se consolidou. Com algumas reformas gráficas e editoriais virou revista a partir de 2007. Pulou de 10 mil para 50 mil exemplares em junho de 2001. Em setembro de 2002, na edição nº20, passou a circular com 100 mil exemplares. Em 2005, o Manuelzão dá o Recado iniciou a produção de programas de rádio e spots, veiculados em parceria com a Rádio UFMG Educativa e também em rádios do interior na área da bacia. Em 2007 eram 18 as emis-



PRIMEIRA EDIÇÃO DO JORNAL MANUELZÃO. DESDE 1997 A PUBLICAÇÃO PASSA A SER UM MEIO DE PROMOVER RELAÇÕES SOCIAIS E VALORES ESSENCIAIS.

A large, dense tree with green foliage is reflected in the calm, golden-brown water of a river. The scene is captured from a low angle, looking across the water towards the tree. The sky is a clear, bright blue.

A HISTÓRIA DA MOBILIZAÇÃO QUE COMEÇOU EM TORNO DE UM RIO

O Projeto Manuelzão nasceu de uma proposta interdisciplinar e interinstitucional de extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e engloba saúde, ambiente e cidadania. O intuito maior foi mudar o jogo da “indústria da doença”, que segundo os idealizadores do projeto, fomenta a produção de medicamentos, equipamentos e privilegia o atendimento hospitalar, para ganhar dinheiro com a doença do povo ao invés de prevenir e promover a saúde coletiva. As propostas do Manuelzão buscam modificar essa máxima e revelam que o importante é ter consciência de que saúde não é um problema somente de médicos, mas multissetorial, transdisciplinar e filosófico.

Esta discussão abriu espaço para a busca de novo território que possibilitasse o entendimento de uma visão sistêmica onde fosse possível configurar os impactos das ações econômicas, sociais, políticas e ambientais na saúde coletiva. Por isso, o foco foi a Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, em torno do eixo temático, saúde, ambiente e cidadania. As águas e a mobilidade social são seus referenciais básicos e a biodiversidade da fauna aquática, em especial dos peixes, a âncora de um referenciamento a todo um complexo sistema de controle da qualidade ambiental, da qualidade de vida e da mentalidade civilizatória.

Desde o início, o projeto, não se ligou a nenhuma agremiação partidária, pois o interesse era difuso e pertencia ao conjunto da sociedade e dos municípios. Fato que a história recente do Brasil demonstrou ter sido uma trajetória correta.

Nascido com um caráter interdisciplinar e interinstitucional suas propostas se definem com um objetivo pontual comum: a preservação da vida com toda sua biodiversidade, representada simbolicamente pela volta dos peixes ao rio das Velhas.

Não se trata de uma disciplina, um departamento, uma unidade, mas de um projeto de Universidade, que busca a transdisciplinaridade como forma de entendimento da realidade e de resposta para a sociedade da complexidade socioambiental que o mundo atual vive.

A proposta do Projeto sempre foi aberta ao conjunto da UFMG e da população, e sempre acolheu a outras universidades, unidades e instituições municipais, estaduais e federais. E prin-

cipalmente, sempre esteve aberta a ouvir a população, não somente da Bacia do Rio das Velhas, como também do rio São Francisco, e outras bacias de Minas Gerais e regiões do Brasil, onde a água, os rios, seus afluentes e os cidadãos estão sendo degradados e desrespeitados. A perspectiva é continuar o trabalho, agora de um modo diferente, perseverando as conquistas e chamando a atenção pelo muito que há de se fazer. Cada passo é um novo desafio e se renova para os próximos 20 anos.

MANUEL NARDI

O projeto foi inspirado em um homem do sertão, simples, vaqueiro, mas que adquiriu, no convívio com a natureza, a sabedoria da vida. Guimarães Rosa imortalizou Manuelzão em seus livros, assim como o saber de Manuelzão ajudou a imortalizar a literatura de Guimarães Rosa. Ao longo da vida o vaqueiro conviveu com a vida sofrida do sertanejo e assistiu também a agonia lenta dos peixes e do próprio rio das Velhas. Por toda essa história, o projeto ganhou o nome desde sábio das veredas. Que soube como ninguém, enxergar o valor da natureza e sair em sua defesa. Até seus últimos dias.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A origem acadêmica do Projeto proporcionou a visão da necessidade de divulgar os conhecimentos a partir da educação ambiental e fomentar as boas práticas pela população e governos. Esse movimento teve vários momentos de inserção social com a formação dos comitês Manuelzão, depois denominados Núcleos Manuelzão ou Manuelzão Comunidade. Estas células de mobilização e ação na bacia local permitiram a pulverização da questão ambiental com a população buscando identificar os problemas e propor soluções junto aos parceiros institucionais.

Outra área importante de atuação foi junto à rede de ensino onde o envolvimento das escolas foi fundamental formador da consciência ambiental com atividades de adoção de nascentes e córregos e da bacia no entorno da escola, na educação pela gestão correta do lixo, do plantio de hortas e no debate das escolas sustentáveis. Debato ambientes escolares mais salubres com aproveitamento de luz natural, energias renováveis, práticas de reciclagem, captação de água de chuva e uso consciente da água e da necessidade do tratamento dos

efluentes industriais e domésticos. Capacitação de professores, cursos, concursos, premiações e a divulgação das ações desenvolvidas realizadas, sempre em sintonia e parceria das secretarias de Educação do Estado e dos municípios.

Outra inserção importante foi acadêmica através de centenas de alunos de diferentes áreas (Medicina, Biologia, Geografia, Comunicação, Gestão Ambiental e outros) que tiveram e tem a oportunidade de conviver com a visão ecossistêmica e transdisciplinar desenvolvendo atividades de estágios, produção de conhecimento, divulgação de saberes e de mobilização social. Vários destes ex-acadêmicos já estão inseridos em universidades, na gestão pública, no setor privado e, destas, contribuindo para a difusão de todo o saber adquirido.

A produção de materiais de educação ambiental também foi uma constante neste processo através de livros, folders, cartilhas e da Revista Manuelzão sendo distribuídos para a população e escolas, buscando fornecer material de pesquisa e referência na Educação Ambiental.

RIOS VIVOS

Por princípio, o projeto acredita em rios vivos e esta máxima sempre foi o centro da luta, contra a retificação de rios, sua canalização e exclusão da paisagem. A proposta é debater a revitalização dos rios e trocar experiências de vivências ambientais e sociais. Entendendo que o patrimônio natural ambiental é importante para a disponibilidade de água e para a manutenção da biodiversidade. O Manuelzão também participa e incentiva a política de conservação e preservação destes patrimônios, seja pela criação de Unidades de Conservação, pela formação de corredores ecológicos, pela manutenção e recuperação de matas ciliares, de áreas de recargas de aquíferos e áreas de riscos geológicos. Nesta luta, destacam-se a criação dos parques Nacionais da Serra do Cipó e Gandarela, da Área de Proteção Ambiental (APA) Morro da Pedreira, APA Sul e da APA Carste, em Lagoa Santa; além da criação do Sistema de Áreas Protegidas do Vetor Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte com 15 Unidades de Conservação.

REPRESENTAÇÃO

Participar, opinar e propor. O Manuelzão fomentou durante esses 20 anos, e esteve presente, em dezenas de conselhos participativos nos municípios,

de unidades de conservação estaduais e federais. Também participou de conselhos estruturadores como Conama, Conselho Estadual de Recursos Hídricos e Copam. Na área de recursos hídricos sempre foi presente nos Comitês Hidrográficos do São Francisco e rio das Velhas e também em seus Subcomitês. A participação nestes espaços sempre foi estratégica para propor e construir políticas para a gestão ambiental integrada.

SAÚDE E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

As atividades produtivas humanas são uma das maiores responsáveis pela poluição atmosférica e ambiental. Na agricultura, o uso de agrotóxicos reflete na contaminação da natureza e dos rios, consequentemente na saúde do homem. Essa é mais uma bandeira do Manuelzão que sempre defendeu a redução e o controle efetivo do uso dos defensivos agrícolas e da proteção e capacitação do trabalhador. A proposta é defender uma produção 'mais Limpa' em todos os setores industriais, inclusive, na indústria do transporte, buscando o uso de combustíveis menos poluidores e sustentáveis.

Outro ponto é discutir o uso de energia limpa, da agroecologia e da recuperação de matérias primas pela reciclagem, amenizando e diminuindo os impactos da mineração.

SANEAMENTO E GESTÃO

O Projeto Manuelzão entende a questão ambiental como ecossistêmica e interdependente e que, necessita para seu entendimento e gestão, da visão transdisciplinar tal é a complexidade da natureza. Com seu slogan "Saúde, meio ambiente e cidadania" o projeto coloca a questão do homem no centro do debate ambiental e, ao adotar o peixe como bioindicador da qualidade das águas do espaço territorial natural que é a bacia hidrográfica, define sua visão de que as condições da bacia refletem as ações do homem no espaço e esta afeta a saúde dos peixes.

Outro lado da luta se faz na construção de políticas públicas que considerem o ambiente como fator importante para a saudável qualidade de vida da população. Assim, a proposta é debater a necessidade da melhoria do saneamento

básico, que deve se fazer no tratamento adequado dos efluentes domésticos e industriais; da gestão dos resíduos e sua destinação correta privilegiando sua reciclagem. E também no controle da poluição do ar; das mudanças climáticas; do uso consciente da exploração mineral reduzindo seus impactos; adotando assim práticas do consumo consciente.

VITORIOSA TRAJETÓRIA

Nestes 20 anos, o Manuelzão recebeu vários prêmios em reconhecimento das atividades cidadãs e conscientes. Mais que premiações, eles representam a identificação da população aos esforços do projeto na construção de uma sociedade mais consciente de seu papel social e do fortalecimento das ações que envolvem saúde e meio ambiente, afinal um meio ambiente sadio contribui também para a melhoria de vida da população.

Foram vários os prêmios recebidos de instituições públicas, privadas e organizações do âmbito municipal, estadual e até mesmo nacional. Em 1998, a Superintendência de Limpeza Urbana (SLU), concedeu ao Manuelzão o Diplo-



ACERVO PROJETO MANUELZÃO

EM 1997, A PRIMEIRA EQUIPE MANUELZÃO INICIAVA AS ATIVIDADES.



TRECHO DO VELHAS EM SÃO BARTOLOMEU

“Sempre tive uma relação muito direta com o Projeto, indo a seminários, eventos, cursos e, principalmente, as escolas. Eu acredito que ensinar as crianças a cuidarem da natureza tem uma proporção muito grande, porque elas são o futuro. Além disso, eu sempre cuidei de nascentes, mas não sabia ao certo o que fazer para preservá-las. O Projeto Manuelzão foi a fonte que encontrei para aprender como proteger da maneira correta. Ele é uma escola de vida para mim.”

DONA IVANA*Núcleo Jatobá*

“Eu já participava de associações de bairro, lutando por melhorias locais, quando conheci o Projeto. Percebi que tínhamos uma visão em comum: mudar a realidade urbana, sobretudo da Bacia do Rio das Velhas. Dessa forma, o Manuelzão foi uma maneira de agregar forças, trazer ferramentas e capacitar a população ribeirinha, de modo que pudéssemos atuar efetivamente em nossa região. O Projeto é um divisor de águas e uma mudança de paradigma para a sociedade.”

MÉRCIA DO NASCIMENTO*Núcleo Navio Baleia*

“Como sou um leitor assíduo da Revista Manuelzão, resolvi prestar uma homenagem ao Projeto em meu carro, parabenizando pelo excelente trabalho na conscientização da preservação e recuperação do meio ambiente. O Projeto se envolve em diversas causas ambientais, como a luta contra o Mar de Lama da Samarco e, principalmente, a revitalização do rio das Velhas. Assim, sei que ele fala a minha língua, que estamos juntos abraçando a mesma causa.”

WLADSON FREITAS*Núcleo Izidoro*

“Comecei na luta ambiental tem pouco mais de 20 anos e no Projeto desde o começo. Na época, trabalhava com educação ambiental, mas queria mudar; queria trabalhar por uma causa maior; queria um grande motivo para as minhas lutas. Encontrei-me no Manuelzão principalmente pelo sentimento que me foi proporcionado de cidadania, de representatividade e de potência; senti-me uma cidadã ativa e com voz. Temos uma causa nobre e que vale a pena trabalhar por ela.”

JOANA D'ARC
Instituto Guaicuy



“Há 15 anos considero o Projeto Manuelzão uma família. Apesar das nossas formas diferentes de atuação, compartilhamos propostas, lutas e construímos juntos novas ideias e atividades. O que o diferencia dos demais é sua concepção que une saúde e meio ambiente. Essa visão sistêmica de cuidado com os rios e com as bacias hidrográficas, tornando as pessoas guardiãs das águas, deixa clara a estabilidade da entidade. Comemorar 20 anos de Projeto, mantendo seus propósitos e coerência na atuação é muito belo.”

MARIA TERESA CORUJO
Ambientalista / Serra do Gandarela



“Para a sociedade, o Projeto é uma ‘ferramenta’ que todos deviam buscar conhecer, pois acrescenta conhecimentos valiosos para as práticas diárias de cada um, visando à conquista de melhorias sustentáveis para a cidade. Sobretudo para mim foi um achado valioso, uma vez que transformamos a associação, de meu bairro em um Núcleo Manuelzão, e minha visão de lugar e cidade se tornou mais exigente com relação às condições ambientais e de gestão pública.”

NIRMA DAMAS
Núcleo Cascatinha



“Conheci o Projeto em 2001 e até hoje só tenho a agradecer por fazer parte deste grupo através dos Núcleos Manuelzão. Essa entidade nos trouxe uma perspectiva de sonhos realizados e nos levou à ideia de pertencimento de águas melhores. Com ele, podemos melhorar o meio ambiente através dos rios e seus afluentes, a qualidade de vida de nossos ribeirinhos, de forma que a procura por postos médicos devido às águas poluídas seja cada dia menor. Portanto, o Manuelzão nos ensinou a trabalhar para o bem comum de todos.”

MARIA JOSÉ ZEFERINO
Núcleo Nossa Senhora da Piedade



POR QUÊ MANUELZÃO

**PARCEIROS, INTEGRANTES
DO PROJETO MANUELZÃO
20 ANOS DE TRABALHO E
CUIDADO COM O
AMBIENTE E O**

ARQUIVO COPASA



“Os primeiros convênios celebrados entre a Copasa e o Manuelzão reforçaram a importância da mobilização social e promoveram a participação das comunidades locais na recuperação de córregos em Belo Horizonte. As parcerias estabelecidas entre os dois órgãos permitiram o fortalecimento e a adoção de indicadores biológicos como modelo de avaliação da melhoria da qualidade das águas do rio das Velhas, a partir da construção das Estações de Tratamento de Esgoto (ETEs) Arrudas e Onça. Destaca-se mais uma vez que, além dos indicadores biológicos, esses convênios propiciaram a participação de moradores das margens do rio das Velhas no programa Amigos do Rio. Eles receberam treinamento para acompanhar mudanças nas águas dos rios e a avisar o Manuelzão sobre eventuais acidentes ambientais e mortandades de peixes.”

RÔMULO THOMAZ PERILLI
Diretor COPASA

JE SOU ELZÃO?

TES E COORDENADORES
ZÃO RESSALTAM OS 20
LUTA EM PROL DO MEIO
DA SOCIEDADE.



“O Projeto Manuelzão, principalmente em seus anos iniciais, cumpriu um papel importante, uma vez que surgiu em uma época em que havia poucas entidades ambientais. Pode-se dizer que foi uma inovação, tanto para a sociedade, quanto para o interior da própria universidade. Quando eu vejo as pessoas falando do Projeto, sinto que ele se tornou uma espécie de possibilidade de expressão social; as pessoas criam uma relação de identidade com ele. O Manuelzão é um instrumento de construção e elaboração, mas também de luta e esforço de transformar e trazer uma proposta de vida melhor para todos. Sempre acreditei que a “alma do Manuelzão” era o envolvimento com a sociedade; a participação popular. Precisamos retornar com esse traço e fazer sua alma brilhar novamente. Não podemos perder essa matriz inicial.”

TARCISIO MAGALHÃES PINHEIRO
Faculdade de Medicina / UFMG



“O Projeto Manuelzão é extremamente relevante para a sociedade, uma vez que possui grande capacidade de mobilização e engajamento social, sobretudo nas comunidades da Bacia do Rio das Velhas. Muitas das conquistas ambientais de Minas Gerais, especialmente no que diz respeito à gestão dos recursos hídricos, tiveram forte influência do Projeto Manuelzão. A Meta 2010 é um belo exemplo disso: antes dessa ação, Belo Horizonte tratava menos de 5% de seus esgotos; após ser anexada ao programa de governo da época, mais de 75% começaram a ser tratados. Uma característica que diferencia o Projeto dos demais é sua habilidade de compatibilizar a militância política com as necessidades da academia e do poder público. É muito raro um programa de governo nascer no seio da sociedade e realizar tantas conquistas.”

JOSÉ CARLOS CARVALHO
Ex-ministro Meio Ambiente/MG

“Comecei no Projeto em julho de 1997 e participei da elaboração de sua metodologia. Seu sistema de revitalizar rios foi a maior contribuição, uma vez que pode ser aplicado em qualquer manancial do planeta, trabalhando o monitoramento das águas pelo ecossistema e não só pela quantidade de oxigênio. Em 14 anos de Manuelzão minha cabeça mudou. As pessoas têm uma venda nos olhos. Para as pessoas se unirem a essa causa é necessário que mudem seu modo de pensar.”

ANTÔNIO THOMAZ GONZAGA
Faculdade de Medicina / UFMG



“O Manuelzão foi o grande idealizador e realizador da participação popular na gestão das águas e foi o responsável, apesar das dificuldades institucionais, por implantar de maneira efetiva essa gestão descentralizada e participativa, como preconizado nas leis que tratam desse tema. Digo isso, porque se escuta de algumas entidades que elas são grandes apoiadoras da gestão das águas, mas o que elas realmente defendem são seus interesses próprios e dos seus representados, sem nenhum compromisso ético com a humanidade e o planeta. Para mim, o Projeto Manuelzão gerou a oportunidade de vivenciar e compartilhar meus ideais sociais, culturais e ambientais com outras pessoas e representantes de várias instituições em toda a bacia do Velhas e no Brasil, em um processo contínuo de troca e aprendizado.”

ROGÉRIO SEPÚLVEDA
Ex-coordenador do Manuelzão

“Entendo a Faculdade de Medicina como uma instituição de ensino, pesquisa e extensão que, através de projetos, se envolve e gera um retorno para a sociedade. Nosso papel principal é formar pessoas para que elas possam atuar no meio em que estão inseridas. O Projeto Manuelzão é um grande parceiro nessa causa, uma vez que atua e informa a população sobre a área ambiental, sendo um elo imprescindível entre faculdade e sociedade. Gostaria que projetos como o Manuelzão fossem multiplicados nas escolas e instituições para deixar ainda mais claro que saúde, meio ambiente e qualidade de vida estão interligados. E que nós possamos ter mais peixes nos rios de Minas.”

TARCIZO AFONSO NUNES

Diretor Faculdade de Medicina



“Em 1996 nos deparamos com a necessidade de reformulação do Internato Rural, buscando dar direção política para a formação do aluno. Assim, passamos a relacionar saúde e meio ambiente, principalmente quando se tratava das doenças de veiculação hídrica. Então o Manuelzão passou a ser uma voz ambiental dentro da bacia, repercutindo na política ambiental mineira e brasileira. Pra mim foi um divisor de águas. Até 1996 eu era um professor do Internato que discutia muito políticas de saúde e construção e defesa do SUS. Com a entrada no Projeto, estudei sobre a temática hídrica e virei também professor de saúde ambiental. É salutar a gente chegar a 20 anos com uma série de colaboradores e visível no imaginário da comunidade ambiental.”

ANTÔNIO LEITE

Faculdade de Medicina/UFMG

MARCELO ANDRÉ

**CACHOEIRA DAS ANDORINHAS
EM OURO PRETO: NASCENTE
DO RIO DAS VELHAS**

ma “Cidadania e Contribuição. Também nesse ano, o projeto foi incluído na 7ª Lista Limpa, da instituição. Em agosto de 1999, na cidade de Juiz de Fora, foi entregue ao Projeto o prêmio “Construtor do Progresso” pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG).

Em 2000, a Associação Brasileira de Química reconheceu o projeto, o agradecendo com o diploma “Honra ao Mérito Comunitário”. Já em dezembro de 2001, o Projeto recebeu o prêmio “Minas Ecológico”, uma homenagem pelos cuidados com a natureza. A premiação foi dada pelo Unicentro Newton Paiva e a Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente.

Em novembro de 2003 e setembro de 2009, a Prefeitura Municipal de Sete Lagoas, através da Secretaria de Educação, condecorou o Projeto pelos trabalhos desenvolvidos na Bacia do Rio das Velhas e pela formação ambiental dos novos educadores. Dentre os vários outros prêmios o Manuelzão ainda recebeu o prêmio Furnas Ouro Azul, na categoria “Comunidade”; o Prêmio Bom Exemplo, da Rede Globo, na categoria “Educação” e dos militares da 3ª Região, em seus 10 anos, a honraria em retribuição aos trabalhos realizados em parceria e na construção da história do Batalhão.

Na rica trajetória do Projeto Manuelzão foram inúmeros os prêmios conquistados, mas para a coordenação, o mais importante é o reconhecimento da sociedade e a credibilidade que essa dá a todas as propostas defendidas. O maior reconhecimento, ainda segundo eles, é fazer com que a população se conscientize que dela deve vir sempre as aspirações por um ambiente melhor para todos.

VIAJANDO COM O MANUELZÃO

Muitas foram e são as viagens do Projeto Manuelzão pelas 51 cidades da Bacia do Rio das Velhas e elas acontecem sempre acompanhadas e guiadas pelos seis motoristas que com segurança e amizade transportam professores, estudantes e parceiros do projeto. Várias são as histórias e muitas as aventuras contadas por eles que nestes 20 anos acompanham as exposições, seminários, palestras, festas e lutas dos envolvidos com o projeto. “Aprendemos muito também com todos que passam por aqui, a cada cidade que chegamos a população quer conhecer a Bacia do Rio das Velhas, seus peixes e o ônibus do Manuelzão. É gratificante ver nos olhos da crianças e dos adultos

o reconhecimento de todo o trabalho das equipes que nos acompanham”, revela o motorista Aluísio Ferreira.

Atualmente fazem parte da equipe de motoristas do Manuelzão: Gilson Alves de Souza, Joel Franklin, Aluísio Álvares Ferreira, Cássio Murilo Ferreira de Andrade, José Resende dos Santos e Roberto Coelho da Rocha. Aqui também lembramos os saudosos motoristas que vestiram a camisa do Manuelzão e sempre estarão presentes: Márcio Souza Neves e Cláudio Cruz. A eles nossas homenagens.

Dentre as muitas histórias contadas por todos os motoristas, as viagens para o FestiVelhas e a rica cultura dos municípios da bacia foram lembrados. “O projeto significa uma mudança de pensamento, uma mudança de análise do que é o meio ambiente, do que pode ser feito com critérios, sem degradação. Tudo que se faz hoje a natureza cobra manhã. Ser motorista do Projeto é um aprendizado. Cada dia é diferente e aprendemos um pouco mais porque, são muitas situações que ocorrem, são fatos que mudam no dia a dia. Antes de motoristas, somos ambientalistas”, ressalta Joel Franklin. Para ele, a preocupação de todos eles é transportar as pessoas com segurança. “A ideologia do projeto está inserida na pessoa que se propõe a trabalhar o meio ambiente. O Manuelzão em si é uma denominação, o importante é o que ele tem a transmitir”, disse.

NÚCLEOS EM AÇÃO

Resgatar uma história de 20 anos torna-se um desafio enorme perto de todo trabalho desenvolvido ao longo dos anos sendo protagonizado pelos Núcleos Manuelzão. Além do que, resgatar na memória digital de algumas publicações, conversas de corredores com colegas que estão desde o início, entre outras fontes, fortalece e reforça a importância da continuidade desse valioso trabalho. Com o objetivo de debater pautas regionais, os Núcleos exercem uma importante discussão no processo de mobilização social em torno dos rios invisíveis em diferentes contextos dentro de um centro urbano no que tange a proteção de áreas de nascentes, a resistência no processo de canalização de córregos e rios, a proteção de áreas verdes, entre outras pautas que tenham como motivador inicial o respeito e proteção da presente e futuras gerações de diversas espécies.

Desde que foram criados em 2001,

foram formados 24 núcleos concentrados na Bacia Hidrográfica do Ribeirão Arrudas. São eles: Bom Sucesso; Brito-Cachorro Magro; Cercadinho; Ferrugem; Jatobá; Navio/Baleia; Santa Terezinha e Taquaril. Já na Bacia Hidrográfica do Ribeirão do Onça foram formados os núcleos: Bacuraus; Baleares; Bom Jesus; Brejinho; Cachoeirinha; Cascatinha; Embiras; Engenho Nogueira; Gorduras; João Gomes; Nossa Senhora da Piedade; Oba! Pampulha; Santinha; Serra Verde; Tamboril e Terra Vermelha.

Junto aos Núcleos, participam na construção das propostas organizações da sociedade civil, do poder público e privado. A iniciativa tem o intuito de desenvolver ações locais, a fim de, colocar em prática a gestão compartilhada das águas. Os grupos se reúnem permanentemente quando são discutidas várias pautas relacionadas às realidades locais. Atualmente, eles se encontram atuantes, seja desenvolvendo ações diretas com os colaboradores do Projeto Manuelzão ou através de ações independentes em outras formas de organizações.

ÁGUA NOSSA

A atual relação predatória do homem com a natureza deixa clara a importância da sensibilização ambiental, como forma de reduzir a exploração dos recursos. Hoje se sabe que o foco da sustentabilidade é a conservação do meio ambiente para garantir um futuro verde e vivo. Partindo desse pressuposto, o Projeto Manuelzão em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte iniciou, em 2016, o Projeto Água Nossa.

O trabalho foi realizado em 15 escolas municipais e estaduais de Belo Horizonte e teve como finalidade apresentar às crianças e adolescentes conceitos básicos da Educação Ambiental e fazê-los compreender um pouco mais sobre as microbacias onde estão inseridos. Dessa forma, tornou-se possível despertar o interesse e incentivar a participação dos alunos e professores na solução de problemas nas áreas de saúde, meio ambiente e cidadania.

O Projeto foi dividido em etapas variadas, com foco na capacitação dos professores e líderes das comunidades e no ensino prático e teórico sobre microbacias para os alunos. Os integrantes das escolas observaram mudanças no comportamento dos estudantes e os benefícios trazidos para a comunidade.

Ao longo de todo o projeto, os alunos foram estimulados a perceber as poten-

cialidades e problemas de sua microbacia, para então fazer propostas de melhorias ambientais a partir de um plano de ação. A equipe do Projeto Manuelzão está se mobilizando para que tais propostas sejam apresentadas nas reuniões dos Subcomitês dos ribeirões Onça e Arrudas, com o objetivo de que algumas demandas se tornem projetos hidroambientais executados pelos Subcomitês.

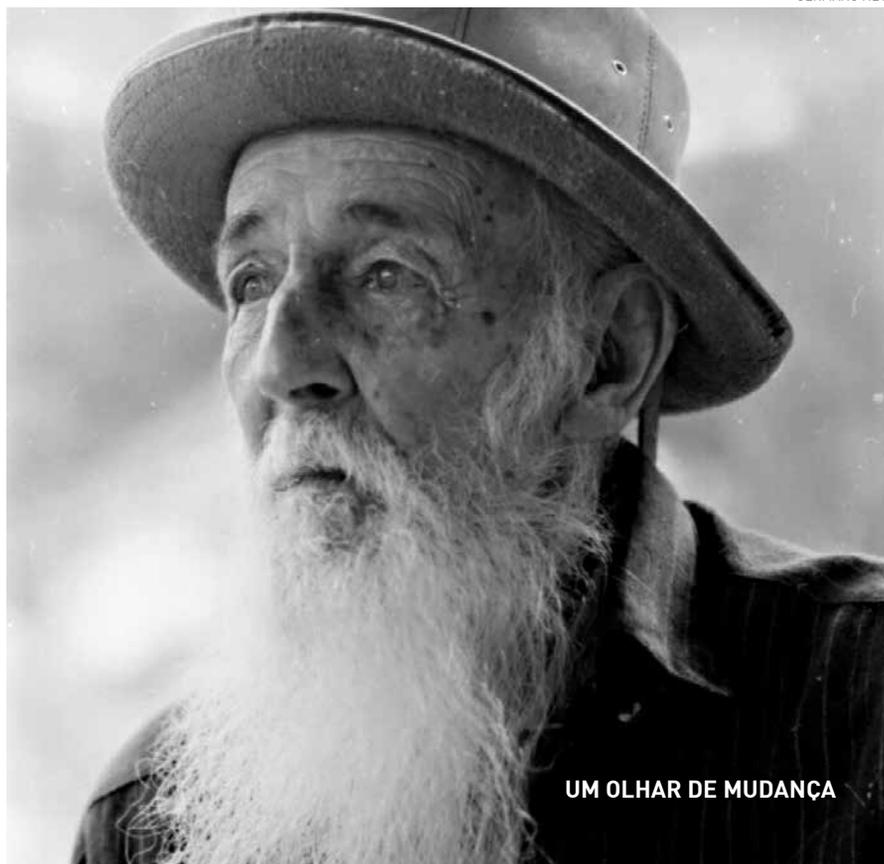
NUVELHAS

As atividades de pesquisa do Projeto Manuelzão são desenvolvidas no Núcleo Transdisciplinar e Transinstitucional pela Revitalização da Bacia do Rio das Velhas - NuVelhas. Nesse Núcleo, uma equipe de biólogos, geólogos e geógrafos buscam soluções conjuntas para os problemas da bacia hidrográfica. Essa equipe é formada por professores, estudantes da UFMG e pesquisadores. O NuVelhas está sediado no Campus Pampulha.

Nascido da reunião de alunos professores e estudantes da Medicina e da Biologia, o NuVelhas é um dos braços do Manuelzão. Desde sua criação, o núcleo se preocupa com a Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas. Ele começou como um local de convivência das diversas áreas do conhecimento em prol das águas da bacia. As metodologias foram se desenvolvendo e começaram também a ser aplicadas nas bacias do Paraopeba e São Francisco.

No núcleo várias atividades são realizadas, dentre elas, os projetos de avaliação ambiental e os levantamentos dos índices de qualidade que utilizam diferentes ferramentas ecológicas, de educação ambiental, através da amostragem participativa.

Para o biólogo e coordenador NuVelhas, Carlos Bernardo Mascarenhas Alves, as análises da qualidade das águas e a quantidade de espécies de peixes presentes no rio mostra um retrato do ecossistema presente naquele local em um longo período, avaliando, sobretudo, as características e as necessidades básicas de sobrevivência de determinado peixe. "Já batalhamos e continuamos batalhando para proporcionar uma análise de integridade biótica no rio das Velhas, que é outra abordagem de coletas que abarcam a Bacia como um todo: uso e ocupação do solo, atividades da bacia de drenagem, agricultura, cidades, declividade, características hidráulicas e mata ciliar". Ainda segundo ele, as expectativas quanto aos trabalhos continuam. "Nossas futuras expectativas são



UM OLHAR DE MUDANÇA



"Entendo o ambiente como um sistema interdependente e que a qualidade de vida e da saúde estão interconectadas à qualidade da água. Em seus 20 anos o Projeto Manuelzão vem defendendo exatamente esta visão o que me fez vestir a camisa do Projeto e ser agente ativo pela luta expressa em seu slogan: "Saúde, meio ambiente e cidadania", tendo a água e a bacia hidrográfica como foco de ação. Obrigado por poder fazer parte dessa história."

PROCÓPIO DE CASTRO
Presidente do Instituto Guaicuy



"Digo sempre que o Manuelzão é o mais importante projeto de extensão universitária que conheço. Entendo que uma universidade, especialmente quando pública, tem a obrigação de colocar o conhecimento e as melhores práticas a serviço da comunidade em que se insere; é preciso ir para junto do povo e atuar na melhoria das condições de vida. Hoje, se fizermos pesquisa junto à população, a maioria dirá que conhece o projeto; e isto é, sem dúvida, o atestado de sua importância e do quanto é confiável."

EDUARDO COSTA
Jornalista Itatiaia



EQUIPE ATUAL DO PROJETO MANUELZÃO

manter os estudos que já alcançados, acompanhar na escala temporal quais são as repercussões do tratamento de esgoto, qual a resposta dos animais às melhorias ambientais e, principalmente, tornar possíveis os trabalhos com integridade biótica, que exige uma coleta de informações muito mais refinada e um tratamento de dados com uma tecnologia mais complexa, mas que dará resultados mais completos”.

Segundo o professor, Marcos Callisto, mestre em Ecologia e doutor em Ciências Biológicas, foram mais de 50 alunos de iniciação científica e 30 de pós-graduação formados dentro do Nuvelhas. E mais de 100 artigos científicos publicados em revistas nacionais, internacionais, regionais e livros. “O grande destaque do Nuvelhas é a formação das pessoas, pois esse é o recurso mais importante do núcleo. E o Projeto Manuelzão, neste aspecto, foi o grande motivador; não só em abrir portas para que as pessoas possam crescer juntas, mas no propósito de que é preciso trabalhar junto pensando sempre num objetivo comum”.

AMIGOS DO RIO

Em outubro de 2006 nascia o progra-

ma “Amigos do Rio” e, com ele, o início de uma ligação entre ribeirinhos e as águas. Essa relação ecológica resume o cerne da união entre humanidade e natureza: um precisa do outro para sobreviver e, se trabalharem juntos, ambos serão beneficiados.

Para o Projeto Manuelzão não é diferente. O envolvimento das comunidades ribeirinhas no monitoramento das águas da bacia do Velhas é fundamental para a preservação destas. Com esse intuito surgiram os “Amigos do Rio”, parceiros do Projeto que acompanham e alertam sobre mudanças nas águas do rio, ajudam a levantar dados básicos da qualidade dos rios e fiscalizam os locais onde vivem, denunciando crimes ambientais.

Desde o início das atividades, foram mais de 490 amostras coletadas ao longo do rio. Dentre elas, 246 pelos “Amigos do Rio”, número que demonstra o envolvimento dos moradores com a causa ambiental. Isso se deve ao fato de que os ribeirinhos têm contato direto e permanente com as águas dos mananciais e cada alteração de sua qualidade é percebida e denunciada. “Vendo o nosso trabalho, a população está mais consciente

do papel que tem. Hoje ela percebe que faz parte do meio ambiente. Que precisa preservá-lo e defendê-lo”, afirma Odilon Lima, um dos Amigos do Rio.

EXPERIÊNCIAS MARCANTES

Para muitos estudantes as experiências vividas no Manuelzão são decisivas para a vida profissional. Para Joyce Jordana Franklin, estudante do 8º período de Zootecnia, estagiar no Manuelzão é aprender a trabalhar em equipe. “Vejo como uma oportunidade trabalhar diretamente com diferentes profissionais de diversas áreas e diferentes lugares. Isso enriquece muito meu conhecimento e me ensina a trabalhar em grupo”.

Segundo ela, a experiência mais marcante que teve no projeto foi a de participar de uma viagem e divulgar informações e conhecimentos juntamente com outros estagiários do projeto. “Estagiar no Manuelzão é uma ótima experiência de poder trabalhar com revitalização de um bem precioso para a humanidade em prol da saúde. Aqui tive a oportunidade de navegar em várias áreas, desde o secretariado, a mobilização e o campo. Com certeza essa experiência vai fazer grande diferença na minha vida”, disse. ♦

O PENSAMENTO ECOSSISTÊMICO

FOTOS: ACERVO PROJETO MANUELZÃO



EUGÊNIO GOULART
Diretor de Publicações

Ao completar duas décadas de existência, o Projeto Manuelzão, com certeza, tem muita história para contar. Além dos milhares de quilômetros percorridos pela Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, milhares de reuniões e debates, quase uma centena de jornais próprios, o Manuelzão também publicou livros. Foram vários e sempre com distribuição gratuita, para escolas, instituições, bibliotecas e moradores da bacia.

O primeiro livro publicado (2005) teve o título de "Navegando o Rio das Velhas das Minas aos Gerais". Foram dois volumes, com quase mil páginas, inúmeras ilustrações e 66 autores, de diversas áreas do conhecimento. Além do "Diário de Bordo" da expedição de 2003, que durante um mês desceu de caiaque os 803 quilômetros do Rio das Velhas, da nascente em Ouro Preto até a foz no Rio São Francisco, o livro é uma verdadeira enciclopédia da região, pois aborda vários temas para os quais foram convidados especialistas reconhecidos cientificamente. Foi elaborado também um vídeo com uma hora de duração, com o documentário sobre a expedição, que foi distribuído fartamente. Essa viagem, que foi de extrema importância, gerou ainda outro livro, que teve também o apoio do Projeto Manuelzão: "O Caminho dos Currais do Rio das Velhas - a Estrada Real do Sertão", de autoria de Eugênio Marcos Andrade Goulart, com muitas histórias dos habitantes, verídicas ou fantasiosas, detalhes geográficos e ilustrações de toda a região central de Minas Gerais, relatos antigos da navegação e das ferrovias.

A partir de um concurso de poemas e pequenos contos durante o FestiVelhas, realizado na cidade de Morro da Garça, em 2005, os melhores foram selecionados e publicados em forma de livro, com o título de "Rio das Velhas em Verso e Prosa" (2006). Este livro reuniu dezenas de escritores, sendo a maioria de mora-

MANIFESTAÇÕES MARCARAM
A HISTÓRIA DO PROJETO



dores da região, que se entusiasmaram em relatar suas vivências. Também foram lançados os “Cadernos Manuelzão” que, em cinco volumes, e numa abordagem científica sobre assuntos importantes, preencheram dados técnicos de relevância para a bacia hidrográfica do Rio das Velhas (2006-2008). Também foram convidados profissionais especialistas em cada área do conhecimento, como médicos, enfermeiros, advogados, engenheiros, administradores, biólogos, geógrafos, historiadores, sociólogos, antropólogos e estudantes universitários de vários cursos.

Em seguida foi publicado o livro “Projeto Manuelzão – a história da mobilização que começou em torno de um rio”, quando os integrantes do projeto, além de vários outros autores, escreveram sobre diversos temas, quando completávamos uma década de existência, em 2007. A partir de dois prestigiados e concorridos encontros internacionais, em 2008 e 2010, promovidos com o apoio do Projeto Manuelzão, que liderou um movimento mundial em defesa dos rios, foi lançado o livro “Revitalização dos rios no mundo - América, Europa e Ásia”, com a experiência de vários países em cuidar das suas águas em áreas urbanas e rurais. Experiências exitosas, no Brasil e fora do nosso país, foram relatadas com rigor metodológico. Problemas com rios poluídos, e ainda não resolvidos, foram também analisados.

Mais um livro foi publicado (2009) pelo Projeto Manuelzão, e teve o título de “Resgate Histórico da Bacia do Córrego

Navio/Baleia”, com relatos das ações para a recuperação de um córrego urbano em Belo Horizonte, com texto e ilustrações a partir dos bordados realizado pela autora do livro, Mércia Inês Pereira do Nascimento. Este livro gerou um documentário amplamente divulgado em cadeia nacional pelo canal Futura e pode ser acessado no Youtube com o nome “Os heróis do Navio/Baleia”.

Por fim, foi publicado o livro “Abordagem ecossistêmica da saúde” (2012), também com vários autores, e que procurou ampliar o debate, trazendo uma visão mais holística e universalista sobre a saúde, não somente a dos seres humanos, mas também de muitos outros seres vivos. Alguns novos livros já estão em fase de planejamento e elaboração e certamente serão publicados nos próximos anos. Sempre com o mesmo objetivo de divulgar informações de qualidade, em forma de distribuição gratuita, para escolas, instituições, bibliotecas e moradores interessados.

NOVAS MÍDIAS

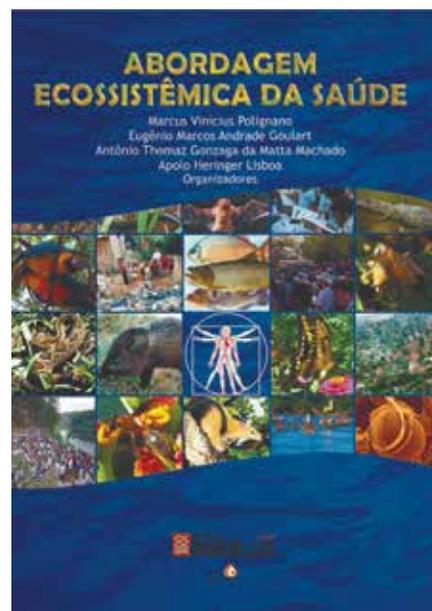
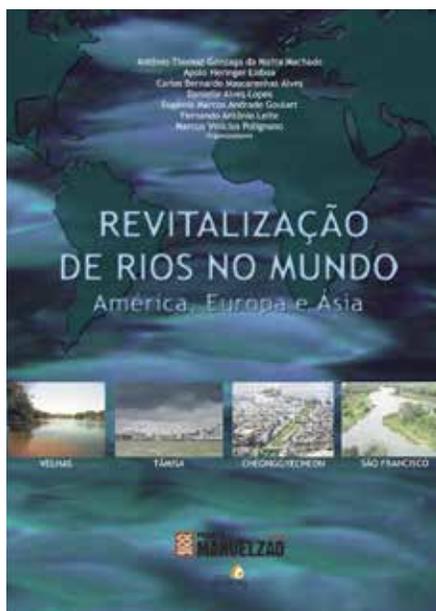
Os problemas ambientais estão diariamente na vida da população, e cabe as entidades ligadas ao meio ambiente divulgar e discutir esses assuntos com a população. Nestes 20 anos de Manuelzão, duas novas ferramentas também são utilizadas para informar, conscientizar e mobilizar parceiros e integrantes do projeto, estas mídias são: o site: www.manuelzao.ufmg.br; o Blog Manuelzão vai a Escola e o Facebook/ProjetoManuelzão.

A proposta é se utilizar das novas mí-

dias para conscientizar de forma real e isenta, informando e orientando a todos os cidadãos, pois a temática ambiental deve fazer parte não só da prática acadêmica, mas também do cotidiano das pessoas. Nessa percepção, o papel do Manuelzão é propor novos hábitos e novas posturas que contribuam para a qualidade de vida da sociedade.

Atualmente, esse propósito se faz mais presente e diante dos fenômenos a que presenciamos no mundo cresce a importância do papel conscientizador e mobilizador da comunidade em função da obtenção de uma nova postura dos sujeitos para a compreensão e conhecimento dos fatos que se destinam ao meio ambiente em prol de sua preservação.

Neste contexto, a constante atualização dessas mídias, é inspirada na verdade, pois debater o meio ambiente atualmente, se trata de discutir um tema transversal que tem um relevante papel nas ações que buscam modificar não apenas os aspectos ambientais, mas também os econômicos, sociais, culturais e de saúde da população. Nesse sentido, a utilização dessas mídias faz-se necessária para inserir a população em projetos acadêmicos, sociais, ambientais e pedagógicos que a leve a ter uma visão crítica e consciente de seu papel social e político perante os problemas enfrentados pela sociedade, pois a educação ambiental é fundamental para a conscientização das pessoas em relação ao mundo em que vivem e para que possam ter cada vez mais qualidade de vida sem desprezar o meio ambiente. ◆



ENCONTRO DE UM POVO COM SEU RIO

“Era quase meio dia, antes que Elisa pudesse afastar-se, à força de varas, da margem do Guaicuí e entrasse de cabeça abaixo no grande rio.” Esse cenário que Richard Burton retrata em seu livro é o encontro do Velhas com o São Francisco. Em 1867, o explorador inglês esteve no Brasil e navegou, durante cinco meses, pelas águas do rio, desde Sabará até seu desagüe no Rio São Francisco, onde continuou a viagem até sua foz.

A aventura inspirou a “Expedição Manuelzão Desce o Rio das Velhas 2003”, quando caiaqueiros percorreram 803 km do rio da nascente a foz, em Barra do Guaicuy. O evento teve duração de um mês, iniciando-se em meados de setembro. “O Rio das Velhas que Burton descreveu caudaloso, farto de peixes e de vegetação nas margens contrastou com o que vimos”, conta o professor, ativista e estudioso da vida e obra de Richard Burton, Paulo Roberto Varejão, o Beto.

Como forma de garantir um maior contato com a população, os caiaqueiros realizaram paradas esporádicas nas cidades ribeirinhas e conversaram com a comunidade. São Bartolomeu, Raposos, Sabará e Funilândia foram algumas localidades que receberam a Expedição, que contou ainda com palestras, caminhadas e apresentações culturais. Um dos grandes objetivos da expedição foi proporcionar uma mobilização expressiva dos moradores e um sentimento de pertencimento à bacia do Velhas, pois é através dessa noção que se torna possível apreciá-la em sentido amplo: suas belezas e suas necessidades. “Na verdade, o que aconteceu foi que a Expedição acessou o ‘inconsciente coletivo’ dos povos da região. Cada ribeirinho reconheceu, subliminarmente, toda a História de seu povo nas pessoas dos caiaqueiros que desceram o rio”, disse Beto.

Amostras da água foram coletadas paralelamente à descida do rio pelos navegantes e posteriormente analisadas, buscando monitorá-las e divulgar os resultados para os órgãos públicos e a população. Além disso, a fauna e a

ANA SOARES
Estudante de Jornalismo

flora da região foram amplamente estudadas e catalogadas, apontando quais as prováveis implicações da devastação e as possíveis formas de recuperação. Ronald de Carvalho (Roninho) um dos caiaqueiros, ressaltou a importância dessas pesquisas para a conscientização dos moradores, ao revelar que a falta do auto-reconhecimento era parte integrante da bacia, o que produz a falsa percepção de que a solução está sempre no outro. “Éramos quase mitos, mexíamos com os sonhos das pessoas. Eles diziam que iríamos salvar o rio. E nós respondíamos que não, que todos iríamos salvá-lo.”

A partir de discussões e análises ocorridas na Expedição, o Projeto Manuelzão deu vida à Meta 2010: navegar, nadar e pescar no Rio das Velhas, sobretudo no trecho da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Tempos depois, o governo de Minas assumiu um compromisso com a Meta e a oficializou como um de seus projetos estruturadores. “A Expedição foi um sucesso de mobilização, pois chamou a atenção para importância de se preservar o rio das Velhas, não só da população da bacia, mas também das autoridades”, afirma Roninho.

Estima-se que a Expedição atingiu cerca de 70 mil pessoas e, com isso, os Núcleos Manuelzão situados nas cidades atendidas se tornaram mais fortes e presentes. “Quando fizemos a expedição estava com 44 anos, uma idade considerada avançada para a atividade de esportes radicais, mas, passada a expedição, posso dizer que rejuvenesci 10 anos.”

EXPEDIÇÃO 2009

Após anos realizando pequenas expedições, de maio a junho de 2009 ocorreu uma nova grande edição da Expedição pelo Velhas “Encontro de um povo com sua bacia”. Diferentemente da primeira, que tinha seu foco no rio, essa última buscava salientar a relação da

população ribeirinha com o território em que vivem. Partindo de Ouro Preto em direção à Várzea da Palma, a navegação contou com uma intensa programação. As comunidades faziam mini expedições rumo ao rio e cada uma fazia abordagens temáticas específicas de cada sub-bacia. O ponto de encontro final foi o FestiVelhas – evento com muitos festejos e manifestações culturais. Nessa edição, o festival se dividiu em cinco cidades diferentes: Ouro Preto, Santa Luzia, Curvelo, Barra do Guaicuy e Belo Horizonte.

A programação ainda contou com rodas de conversa e seminários, que buscavam enfatizar a beleza natural e sociocultural das bacias, divulgar e debater sobre a Meta 2010 e conscientizar as pessoas do seu importante papel na natureza. “Em 2009 não éramos apenas caiaqueiros, mas agentes políticos. Devido à Meta 2010 e ao surgimento da Meta 2014, a Expedição se transformou em um ato político”, comenta Roninho.

Uma bela novidade da Expedição 2009 foi a maneira com que a mobilização se expressou, canoieiros compostos por moradores e ativistas se uniram ao conjunto do Projeto e seguiram juntos trechos da viagem. Para o professor Beto, o evento proporcionou um acesso ao “Brasil Profundo” que toca as pessoas de maneira transcendente. “Uma lembrança adormecida de seu passado brilhante e heroico iluminou a consciência daqueles homens e mulheres humildes das brenhas mineiras, infundindo neles um mais elevado senso de autoestima. O Projeto Manuelzão possibilitou isso.”

Na prática, desde a Expedição 2003, mudanças são perceptíveis, sobretudo para as pessoas que sempre tiveram contato com aquelas águas. Mas, no entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para atingir os resultados primários pensados no início do milênio. “A energia do rio é forte. Se ele está sujo e morto, nos sentimos assim; se ele está limpo e vivo, saímos com a mente limpa e com o coração esperançoso. E é isso que importa”, ressaltaram os caiaqueiros. ♦

A POPULAÇÃO PARTICIPOU ATIVAMENTE DAS EXPEDIÇÕES



FOTOS: CUIA GUIMARÃES



CAIAQUEIROS: RONALD CARVALHO, RAFAEL BERNARDES E ROBERTO VAREJÃO

MINI EXPEDIÇÕES

A Expedição de 2003 teve tamanha mobilização que o Projeto Manuelzão iniciou uma nova leva de descidas de rios: os afluentes do Velhas se tornaram foco das chamadas Mini expedições Manuelzão. O objetivo foi proporcionar a conscientização ambiental para os moradores das comunidades ribeirinhas, cada qual com atividades focadas nas bacias em que estavam inseridas. Além disso, era esperado que as mini expedições proporcionassem uma maior integração dos municípios das sub-bacias.

Rio Taquaraçu

A primeira Mini expedição Manuelzão foi realizada no rio Taquaraçu, no final de 2005. Esse rio é formado por dois outros cursos d'água, o rio Vermelho e o rio Preto, abrangendo cinco municípios. As atividades nas comunidades ribeirinhas tiveram como foco a instrução e planejamento de ações ambientais para evitar a degradação do local e revitalizar as áreas já degradadas.

Ribeirão da Mata

Um dos principais poluidores do rio das Velhas, o ribeirão da Mata é um grande desafio para os ambientalistas e, por isso, foi alvo da terceira Mini expedição Manuelzão. Durante uma semana do mês de outubro de 2006, o Projeto realizou a descida do Ribeirão, objetivando a mobilização da população para buscar soluções para a revitalização de suas águas.

Rio Curimataí

A sub-bacia do Curimataí foi uma das escolhidas para receber a Mini expedição Manuelzão, em abril de 2006. Foram cerca de cinco dias descendo trechos dos rios Curimataí e de Pedras, que beiram três municípios, com população média de 17 mil habitantes. A região preserva água de qualidade e diversos atrativos naturais como parques, vegetação nativa e pinturas rupestres. Semelhante à Expedição 2003, palestras, caminhadas e apresentações culturais ocorreram simultaneamente à descida.

OS DESAFIOS DA REVITALIZAÇÃO DE UM RIO

MARCUS POLIGNANO
Coord. Projeto Manuelzão

Em 2003, o projeto Manuelzão produziu sua primeira expedição pelo Rio das Velhas. Ao longo de 30 dias, envolvendo uma equipe de navegadores, de apoio, e milhares de simpatizantes, a expedição começou na nascente e foi até a foz no Rio São Francisco. A expedição foi inspirada na trajetória que o pesquisador inglês Richard Burton fez em 1867 e registrou em seu livro "Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico". Os navegadores Ronald Guerra, Roberto Varejão, Erick e Rafael Bernardes refizeram trechos do percurso de Burton, comparando as condições atuais da bacia com as do século XIX. Toda essa experiência ficou registrada no livro 'Navegando rio das Velhas das Minas aos Gerais', contendo o diário da Expedição e capítulos temáticos sobre a bacia, escritos por diversos pesquisadores e coordenadores do Projeto Manuelzão.

O resultado concreto do que foi observado é que o rio das Velhas estava morrendo. Os esgotos da região metropolitana, a deposição irregular de resíduos sólidos, a deposição de sedimentos minerais, a destruição das matas estavam comprometendo a qualidade das águas do rio e matando os peixes. Era preciso mudar esta história.

Como o epicentro da degradação responsável pela morte do rio era a Região Metropolitana de Belo Horizonte era fundamental construir uma estratégia focada nesta localização geográfica e nos determinantes da degradação. Ao invés da pulverização de recursos, ficou claro que era necessária a conjugação de esforços e a concentração recursos para viabilizar um plano estruturador com foco na revitalização.

META 2010

Assim nasceu a Meta 2010, que foi concebida com slogan: "Navegar, pescar e nadar no rio das Velhas" no trecho

GOOGLE EARTH PRO



ENCONTRO DO RIBEIRÃO ARRUDAS COM O VELHAS, EM SABARÁ

MICHELLE PARRON / ACERVO TANTOEXPRESSO



ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTO DO RIBEIRÃO ARRUDAS

metropolitano até o ano de 2010. Mas era fundamental que isso se tornasse política pública e assim a meta foi incorporada no Plano Diretor do Rio das Velhas e transformada em projeto estruturante do governo do estado de Minas Gerais a partir de 2005. Este arranjo institucional envolveu o governo de Minas, a Copasa, o CBH Rio das Velhas, representantes do setor privado, os núcleos Manuelzão e prefeituras, em especial a de BH.

Pela primeira vez na história de Minas foi feito um arranjo institucional tão amplo e complexo em prol da revitalização de um rio. E assim ações de mobilização, educação e participação social aconteceram ao longo de toda a bacia. A Copasa, finalmente, reconheceu o seu passivo ambiental e a sua responsabilidade para com a qualidade das águas do rio das Velhas, e avançou no processo de interceptação de esgotos na Região Metropolitana, ampliou a Estação de Tratamento de Esgoto(ETE) do ribeirão Arrudas incorporando o tratamento secundário e inaugurou a ETE Onça em 2007.

Como consequência das ações executadas foram inegáveis os resultados positivos obtidos pela Meta 2010. Talvez o maior, mais visível e simbólico tenha sido a volta dos peixes, algumas espécies podem ser capturadas na região próxima de Lagoa Santa. Podemos afirmar que numa avaliação qualitativa a Meta atingiu 60% do esperado. Demonstrou na prática que

a sociedade pode reverter o processo de degradação desde que estabeleça esse objetivo como uma Meta política acordada entre sociedade e Estado. Pela primeira vez, na história de Minas Gerais, as políticas públicas e práticas empresariais puderam ser avaliadas pela qualidade das águas de uma bacia hidrográfica.

A Meta 2010, proposta pelo Projeto Manuelzão e incorporada pelo Estado, foi um marco na história de Minas, do Brasil e da revitalização de rios no mundo. Não podemos ainda dizer que o processo de revitalização seja irreversível a longo prazo. Há contradições ainda não resolvidas que poderão vir a ameaçar nossas conquistas, pois a natureza da gestão tem muitas incoerências metodológicas. Para garantir a continuidade da recuperação do rio das Velhas, foi proposta uma continuidade do processo através da META 2014: consolidar a volta dos peixes e nadar no rio das velhas na RMBH em 2014.

META 2014

A Meta 2014 propôs três focos geográficos de atuação para conquistarmos nova condição qualitativa no rio das Velhas: um foco na recuperação da região mais degradada da calha do Velhas que é a RMBH, incluindo Sete Lagoas e o conjunto da sub-bacia do ribeirão da Mata; segundo foco na preservação ou conservação da sub bacia do Cipó/Paraúna, uma das principais reservas biológicas natu-

rais da bacia do Velhas; terceiro foco em ações de preservação e recuperação dos afluentes do Velhas, envolvendo todas as prefeituras e empresas das respectivas sub-bacias hidrográficas.

Apesar de todo o esforço de mobilização produzida pelo projeto Manuelzão a Meta 2014 avançou pouco comparado a Meta 2010, houve pouco comprometimento político por parte do governo. A Copasa procurou ampliar a interceptação dos esgotos e construir ETEs em algumas sub bacias, como nos municípios de Santa Luzia e Pedro Leopoldo. Apesar dos avanços ainda não temos o rio com a qualidade almejada. Não conseguimos nadar na região metropolitana, pois o índice de coliformes ainda é astronômico.

As ETEs tratam, hoje, cerca de 70% dos esgotos de Belo Horizonte, o que ainda é insuficiente. Precisamos interceptar 100% dos esgotos e fazer o tratamento terciário nas ETEs para diminuir os coliformes e retirar a grande quantidade de nitrogênio e fósforo que provocam a proliferação de cianobactérias que contaminam o médio e o baixo rio das Velhas.

A estratégia das metas se mostrou uma lógica vitoriosa ainda que não tenha conseguido todos os objetivos esperados, pois ao estabelecer prazos permitiu a avaliação de resultados e a correção de rota visando alcançar a meta final a ser perseguida: navegar, pescar e nadar no rio das Velhas. ◆

MARCELO ANDRÉ



SOCIEDADE PODE REVERTER O PROCESSO DE DEGRADAÇÃO



Ministério da Cultura,
Secretaria de Estado da Cultura,
UFMG e Instituto Unimed-BH
apresentam:

À MARGEM

ÁGUA,
CULTURA
& TERRITÓRIO

A exposição integra as comemorações dos 90 anos da UFMG, dos 20 anos do Projeto Manuelzão e dos 7 anos do Espaço do Conhecimento UFMG.

EXPOSIÇÃO

**21 DE MARÇO
A 18 DE JUNHO**

terça a sexta e domingo, 10h às 17h
sábado, 10h às 21h
ENTRADA GRATUITA



Espaço do
Conhecimento
UFMG

Praça da Liberdade, 700, Savassi
espacodoconhecimento.org.br



@espacoufmg

/espacodoconhecimentoufmg

patrocínio:

realização:



Patrocínio viabilizado pelo incentivo de pessoas físicas

